

MÉRTOLA: Tempo, Espaço e Matéria, Projetar e Construir no (e com o) Construído - PATRIMÓNIO INDUSTRIAL E VERNACULAR



Fig. 1 – Detalhe da Tabula Peutingerian (vias do Império Romano); Fonte: <https://metrhispanic.com/2013/03/17/maps-6-tabula-peutingeriana/>; Fig. 2 - Mapa do Al-Andalus de Al Idrisi de 1154 . O mapa encontra-se orientado no sentido Sul; Fonte: Frederico Mendes Paula, <https://historiasdeportugalemarrocos.com/mapas-da-peninsula-iberica/>; Fig. 3 – Mértola, Duarte Darnas; fonte: https://www.festivalislamicodemertola.com/js_events/conferencia-a-mesquita-de-mertola-na-obra-de-duarte-darnas-por-santiago-macias/

O Desenho é o desejo da inteligência

Álvaro Siza

Professores: José Aguiar, Pedro Pacheco, João Favila, João Gomes da Silva, José Maria Lobo de Carvalho, Miguel Reimão Costa (UAlgarve)

OBJECTIVOS ESSENCIAIS DO PROJECTO INTEGRADO III / TFM

Culminar a finalização de um Curso de Arquitetura, no quadro da Diretiva Europeia Arquitetos, encerrando a formação de base em Projeto (primeiro semestre) e enquadrando a produção de um Trabalho Final de Mestrado (modalidade PFM ou Dissertação no segundo semestre), satisfazendo simultaneamente exigências de formação profissional e académicas. Consolidar as capacidades de síntese (pelo desenho) e reflexivas (pelo pensamento e pela escrita) a demonstrar em Provas Públicas.

TEMÁTICA

Os temas de projeto e de enquadramento teórico, propostos nestas Turmas/Laboratórios, implicam o desenvolvimento de **PROJECTOS DE REABILITAÇÃO URBANA E ARQUITECTÓNICA** estreitamente articulados com os novos imperativos ecológicos e estratégias de Revitalização, Regeneração, Requalificação e Consolidação de territórios, em lugares de especial valor enquanto **PATRIMÓNIO CULTURAL**.

REABILITAR SIGNIFICA RESTITUIR O ESPAÇO, A MATÉRIA E O TEMPO À ESTIMA PÚBLICA

Com populações em sério declínio demográfico e enfrentando crises ecológicas sem paralelo (o aquecimento global e a gradual extinção dos combustíveis fósseis) iniciámos um novo milénio com o regresso às (ao centro das) cidades, procurando reutilizar ao máximo preexistências, requalificando os territórios e os lugares.

A reabilitação urbana e a reutilização de edificado preexistente é, certamente, o centro da atividade de Projeto de Arquitetura de hoje.

Se por um lado a arquitetura - na sua função essencial de organização do espaço -, tem através do projeto (i) a capacidade de regenerar territórios e lugares potenciando a sua revitalização económica e social, através da arte e da arquitetura, por outro, (ii) a reinvenção dos programas arquitetónicos à luz de novas necessidades socioculturais, locais e globais, permitem pesquisar/propor novas soluções optimizadoras do desenho do espaço na sua dimensão pública e coletiva, recriando novas vivências fundamentais para

um (re)equilíbrio do território, fornecendo equipamentos necessários e propondo novas formulações de uso.

O TERRITÓRIO COMO CULTURA E A CULTURA COMO (O NOSSO) TERRITÓRIO

O sentido e método da orientação do trabalho (reflexão / ação) a desenvolver deve pautar-se por uma elevada exigência na capacidade de dominar e equilibrar diferentes campos e escalas de ação – TERRITÓRIO, PAISAGEM, LUGAR, ARQUITECTURA DA CIDADE, ARQUITECTURA DAS EDIFICAÇÕES, USOS, AMBIENTES (EXTERIORES E INTERIORES) e CONSTRUÇÃO, integrando-os como instrumentos de pensamento e de desenho para uma mais cautelosa (re)organização dos espaços. Espera-se que o processo gradual de aprofundamento das questões em torno dos problemas base propostos, permita constituir uma argumentação sólida, com densidade reflexiva, que integre várias dimensões – cultural, social, técnica, sensorial, material e poética - permitindo criar e refletir criticamente sobre os problemas da cidade, da arquitetura e dos equipamentos públicos e do (re)habitar contemporâneo.

CONSTRUIR NO (E COM O) CONSTRUÍDO (ESTRATIGRAFIA E PALIMPSESTOS)

Vamos estudar e projetar em PALIMPSESTOS urbanos e arquitetónicos, o que significa introduzir e controlar diversas dimensões do TEMPO nas decisões sobre o ESPAÇO, os USOS e a CONSTRUÇÃO. Vamos acrescentar ESTRATIGRAFIAS sobre a múltiplas sobreposições de MEMÓRIA (não só física).

CONSTRUIR NO (E COM O) CONSTRUÍDO personifica o que é hoje o campo essencial de trabalho da arquitetura: (re)organizar camadas de tempo, de História e pensar em múltiplas formas de (re)habitar que, por permanente relação se vão estabelecendo, organizando e construindo, numa paisagem complexa e estimulante.

VAMOS DESENHAR COM O TEMPO, pois cabe-nos hoje habitar uma superfície ou extrato contemporâneo de uma multidimensionalidade e olhar atentamente as densas acumulações de ações, sucessivas e continuadas, de transformação do espaço pelo tempo. Esta nossa última camada, que podemos percorrer, sentir, tocar, permite-nos, também, reconstruir os fragmentos que constituem anteriores unidades, de lógicas tão ocultas como aparentes, exigindo a cada momento, a cada circunstancia e a cada projecto, uma releitura e a síntese de toda esta fascinante complexidade.

CONSTRUIR representa a mudança e a nova produção, mas também a possibilidade de CONTINUAR INOVANDO (como teorizou Fernando Távora, no seu pioneiro estudo sobre o Barredo), recuando no tempo, vamos investigar para trazer à superfície novas sínteses de permanentes continuidades.

CONSTRUIR, condensa em si toda a história da arquitetura, no objetivo essencial de materializar a definição dos lugares e espaços, de manufatura das cidades à resolução do pormenor e do detalhe. *Da Cidade à Colher*, diz-se na nossa Escola e no nosso Curso.

O CONSTRUÍDO pressupõe um património, consolidado ou não, mas disponível para o podermos decifrar, lendo e compreendendo o tempo acumulado. O construído conta-nos uma história de usos, saberes e práticas, formas, rituais, materialidades e deixa-nos sempre, em qualquer lugar, espaço para pertencer e continuar. Representa um amplo território claramente habitado, no domínio de todas as suas particularidades físicas e constitutivas. A experiência adquirida que veicula, permite que esse construído se possa continuar a (re)construir ininterruptamente. A sua apropriação gera uma inevitável transformação: CONSERVAR é sempre um ato criativo e híper-contemporâneo (porque sempre revisitamos o passado com o saber e as aspirações do nosso tempo).

Conhecer as características das heranças construídas é reconhecer os seus efeitos e impactos nas pessoas, nas cidades, no território, em suma, nas diversas paisagens construídas pelo homem.

CONSTRUIR NO CONSTRUÍDO representa a ação projectual mais contemporânea por excelência. A sua inevitabilidade torna-se numa das matérias de trabalho mais ricas para o Arquitecto. CONSTRUIR COM O CONSTRUÍDO coloca em paralelo o diálogo intemporal entre construções e lugares; reabilitar – i.e. conservar os valores e beneficiar permitindo usos contemporâneos - é o seu processo/método essencial, incorporando o que é essencial, abrindo novos campos de possibilidades na vida dos lugares, dos edifícios e dos homens.

A CIDADE DO AMANHÃ JÁ EXISTE HOJE, A SUA REQUALIFICAÇÃO DAR-NOS-Á A CIDADE DO FUTURO!

A crise ecológica que vivemos (o anúncio do fim dos combustíveis fósseis, o aquecimento global) alteraram decisivamente a ideia de progresso. Portugal viveu uma revolução industrial tardia e uma diminuição brutal da sua tradição agrícola, que num rompante transformaram radicalmente o nosso território, trazendo tudo e todos para o litoral, abandonando o interior.

À volta das cidades, construímos periferias extensíssimas: transformámos os antigos caminhos e as novas estradas em “ruas” (“A Rua da Estrada”, sintetizou Álvaro Domingues), num urbanismo sem desenho, insustentável a qualquer prazo. Ao mesmo tempo abandonamos os antigos centros urbanos históricos, com rendas congeladas por mais de meio século, depois liberalizadas pelos interesses segregativos. Com uma taxa demográfica das mais baixas do mundo (1,3 filhos por mulher nos últimos anos) e um dos parques habitacionais mais modernos, Portugal tem aproximadamente 1/4 das habitações de que (já) dispõe sem uso previsível a curto prazo. Todos os indicadores apontam para uma redução brutal dos novos licenciamentos e das novas construções.

No recentramento nas cidades – na crise do transporte privado perante as crises energéticas anunciadas – é óbvia a importância de uma maior densidade urbana, o que nos conduz para a cultura dos “Res” e dos “Aos” (requalificação, reabilitação, regeneração, revitalização), sabendo hoje que reabilitar um edifício custa cem vezes menos energia do que construir um edifício novo de área similar.

REABILITAR SIGNIFICA RESTITUIR A CIDADE À ESTIMA PÚBLICA (como escreveu Maria da Luz Valente Pereira); regenerar (incluir todas as gentes e idades) e revitalizar (atrair investimentos e novas economias), reinventando uma nova urbanidade são ambições que determinam a necessidade de intensificar e densificar espacialmente e socialmente a vida urbana. Se por um lado a arquitetura, na sua função mais essencial – a da (re)organização do espaço tem, (i) através do projeto, a capacidade de regenerar os tecidos urbanos, por outro, (ii) a processo de reinvenção dos programas à luz de novas necessidades socioculturais, locais e globais, permitem pesquisar novas soluções para a otimização do desenho do espaço urbano na sua dimensão pública e coletiva e recriar novas vivências fundamentais para o equilíbrio do espaço de habitar e viver a cidade

A CIDADE, O TERRITÓRIO E O GUADIANA: DESENHAR NOVAS CENTRALIDADES E LUGARES DE CULTURA

As sucessivas conquistas de território ao rio e os processos de sobreposição estratigráfica no aqui construído constituem um registo claríssimo dos sucessivos paradigmas de ARQUITECTURA DA CIDADE, registos ou desenhos de distintas vontades de CONSTRUIR ao longo de milénios.

A cidade que temos resultou tanto da vontade dos sonhos, traduzida em desejos e planos, quanto da crueza das circunstâncias, que pragmaticamente sempre os limitam.

As relações de Mértola com o seu território mediterrânico foram sempre extraordinariamente estáveis. Apesar das múltiplas variações do último século, ainda se torna hoje evidente a necessidade de reativar algumas das relações entre esta cidade e o seu território mediterrânico e o seu rio-mar, pelo que existe a imperativa necessidade de reinventar e (re)qualificar.

Pensar hoje a natureza destas dialéticas implica pensar uma síntese entre o que a cidade já foi e o que ainda pode vir a ser sobretudo recorrendo a uma estratégia cultural que foi sábia e continuamente perseguida nas últimas décadas.

DESENHAR NOVAS CENTRALIDADES implica pensar que a cidade é um organismo dinâmico e que a definição de centralidade está enraizada nas dinâmicas das atividades humanas que permanentemente reativam a cidade. Da mesma forma que vários lugares da cidade se constituem como importantes polos de centralidades culturais e funcionais.

O regresso ao centro das cidades, vem permitir uma nova utopia anti-funcionalista que defende a possibilidade de poder trabalhar, habitar e recriar-se no mesmo lugar, ou num sistema de proximidades e em consequência uma nova reordenação da vida urbana, perante a permanente reorganização e recomposição das atividades sem as quais não há cidade.

Que cidade é esta e que arquitetura da cidade deveria querer ser? A partir da cidade consolidada, é importante perceber o que ainda não está resolvido, identificar, estudar e resolver os seus essenciais problemas de arquitetura a partir de uma nova visão integrada e integradora.

CONSTRUIR NO DESTRUÍDO, no desestruturado, no poluído, reabilitando, revendo, relendo, repensando e eco-agir.

TEMAS DE DESENVOLVIMENTO DE PROJETO E TFM EM 2026

No quadro de um protocolo com a CM Mértola, o terceiro e último ano será dedicado à relação de Mértola com o seu território alargado.

- 1. Novos Itinerários pelo Património Industrial (Mértola, Minas de São Domingos e Pomarão)**

Explorar as relações de Mértola com o seu Interland (território a leste e oeste do Guadiana, do Parque Natural do Vale do Guadiana até VRSA) e com o Guadiana. Desenho de itinerários (náuticos, rodoviários, clicáveis, pedestres); Intervenções e reabilitação de Núcleos Urbanos, Núcleos Industriais, de Zonas Ribeirinhas e Portos.

Temas de desenvolvimento de projeto: à procura de um equilíbrio ecológico, definição de itinerários pelo Património Industrial; Reabilitação urbana, arquitectónica e de espaços públicos; reabilitação e introdução de equipamentos urbano e sócio-culturais (desenho de centros interpretativos/museologia industrial, centros de dia para todas as idades, etc.); proposta de um Museu do Guadiana no Pomarão ou em Mértola; desenvolvimento de equipamentos de apoio náutico; novas formas de (re)habitação e de trabalho.

2. Novos Itinerários pelos Montes da região de Mértola

Desenvolveremos projetos à procura de um equilíbrio ecológico, de novas formas de produzir e consumir local (permacultura); relação de Mértola com o território *interland* e na margem direita e ribeira do Vascão, estrada velha para o Algarve paralela ao Guadiana, povoados de Lombardos, Roncão (Roncão do Meio, Roncanito, Boavista, Roncão de Baixo) e Mesquita, e ribeira do Vascão, moinhos de água e povoados da Serra no Algarve.

2.1 Lombardos e Roncão

Montes com características idênticas aos montes da Serra do Algarve, nalguns casos ainda muito interessantes (orientação dos conjuntos edificados mais antigos a Sudeste, processos de ampliação e parcelamento do conjunto edificado a partir de alinhamento de casas de trave, processos de construção ligados às alvenarias de xisto).

Temas: proximidade de Mértola, reabilitação para novos moradores com trabalho à distância, ligação à estrada velha e ao rio, novas formas de (re)habitação e de trabalho.

2.2 Almoinha Velha

História do monte integralmente levantado, com várias cronologias já estudadas no projeto “Arquitetura da vila e do Termo de Mértola”, a partir de diferentes abordagens (arquitetura, arqueologia da arquitetura, paisagem, história): monte do início do período moderno, monte do pós-liberalismo, monte Estado Novo, com deslocação do assentamento. Mudança sistemas construtivos (incluindo fingidos na habitação do lavrador). Horta antiga (almoinha) murada com vários sistemas de elevação de águas para rega.

Temas: abandono do monte velho (solução recorrente), novos usos, proximidade à estrada contemporânea, novas formas de (re)habitação e de trabalho.

2.3 Mesquita

Monte de grande dimensão (quase aldeia) com bastante interesse, ermida, sítio arqueológico dos períodos almorávida e almóada (com vários lugares escavados), importante para o estudo da casa islâmica em contexto rural (escavação em parceria com a universidade de Granada), projeto de alojamento ligado ao “caminho de Santiago”, escola (Estado Novo).

Temas: reabilitação, importância das dinâmicas associadas ao turismo sustentável, relação do povoado com a ermida e o sítio arqueológico, modelos para a musealização e integração no Museu de Mértola.

2.4 A ribeira do Vascão, os moinhos e o monte da serra do Algarve

Os moinhos e açudes em abandono. O moinho do Alferes recuperado. Os montes da ribeira e Serra do Algarve: Clarines (levantado), Farelos e Velhas, monte abandonado da Silveira (integralmente levantado) ou Monte do Vascão.

Temas: novas formas de (re)habitação e de trabalho: reabilitação de montes habitados para integração de novos moradores com trabalho à distância, residência para mais idosos, proximidade do IC27, moinhos de água abandonados, reabilitação de monte abandonado da

Silveira (muito interessante, integralmente levantado), monte do Vascão (com parque de campismo e caravanismo que ainda conheci mas que talvez possa abrir debate sobre modelo).

3. FASES DE TRABALHO

Primeiro Semestre:

Preparação de um livro de turma (e individual) digital com atualização dos conhecimentos de base (bibliografia, iconografia, cartografia etc.); produção de registos e de levantamentos desenhados; selecção de locais de intervenção, análise e planeamento estratatégico; definição de programas de intervenção; desenvolvimento individual de uma proposta de desenho urbano e seu desenvolvimento para uma proposta arquitectónica a 1:200.

Segundo Semestre (TFM):

Desenvolvimento de um projeto arquitetónico em todas os seus modos e escalas. Produção de seis painéis síntese em modelo TFM e também para o livro de turma digital.